

ENCANTO E DESENCANTO DE KARL MARX EM RELAÇÃO À BURGUESIA

Antônio Aurélio Vasconcelos da Silva¹
Pedro Fernandes de Queiroz²

“Em toda época histórica, no modo de produção econômico e de troca predominante e a organização social que dele necessariamente decorre, formam a base sobre a qual se ergue e a partir da qual pode ser explicada, a história política e intelectual dessa época” (Marx, 2002:34).

Introdução

Muitas pessoas já escreveram sobre alguns assuntos que foram enfatizados por Karl Marx. Tanto na dimensão econômica, como na social e na política. Nesta dissertação não vai ser muito diferente. Propomos ao leitor uma análise do *encanto* que foi manifestado em Karl Marx por ocasião do surgimento da burguesia e, posteriormente, a manifestação de sua opinião que o caracterizou como um cidadão desencantado na presença da mesma burguesia.

Atribuímos a este estudo certa importância, pelo fato de expor uma reflexão ponderada e alicerçada, para compreender as razões do “Encanto e desencanto de Karl Marx em relação à burguesia”. Esperamos deixar para o leitor deste texto, uma reflexão clara um tanto quanto possível sobre o assunto. E, se possível, provocá-lo para estudar o mesmo tema.

De posse do objetivo de abordar o assunto já mencionado, distribui-se a pesquisa em três momentos. No primeiro, uma breve apresentação do contexto onde Marx vivenciou suas experiências de vida. No segundo, a compreensão do processo de humanização do homem por meio do trabalho, contribuindo para que ele seja definido enquanto ser de trabalho. No terceiro e último, a perspectiva de Marx em relação à burguesia, culminando, nas considerações finais, onde se retoma as idéias expostas ao longo dos capítulos.

¹ Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA

² Professor Ms. E coordenador do Curso de Filosofia/UVA

1. A PERCEPÇÃO DE MARX SOBRE O SEU TEMPO

1.1. O contexto sócio-histórico-econômico

Neste capítulo pretendemos apresentar uma pequena parte da trajetória de vida do pensador Karl Marx, levando em consideração as transformações históricas da sua época, bem como seu engajamento com o movimento operário e, por conseqüente, deste envolvimento à fonte para elaboração do seu pensamento teórico e social.

Karl Marx nasceu no dia cinco de maio de 1818, na cidade de Treves, situada na zona do Reno, fronteira entre a Alemanha e a França, terceiro filho, dos nove, do casal Heinrich Marx³ e Henriette Pressburg. Cresceu num ambiente que ainda se reelaborava o mapa e a política da Europa, devido à queda de Napoleão Bonaparte. O efeito disto é que a partir de 1815 a região onde morava Marx, volta a pertencer a Prússia, antes anexada França pelo imperador francês. Paralelo a estes acontecimentos, Frederico Guilherme III assumiu o posto máximo na direção do povo germânico. Este, mais outras potências com o objetivo de neutralizar os efeitos da Revolução Francesa, organiza a Santa Aliança.

Internamente, a política econômica de Guilherme III por combater o liberalismo burguês, o torna impopular na região do Reno. Passa ser vista pelos renanos como pior do que a de Napoleão, por não industrializar a região e por provocar através de medidas alfandegárias, a baixa do preço do vinho.

Com o passar do tempo o contato de Karl Marx com a classe proletária começa a solidificar-se por intermédio da leitura dos pensadores socialistas franceses. Mais o maior estímulo a esta interação, dá-se com o convívio com Friedrich Engels, e, daí os debates em torno das leituras de Georg W. F. Hegel e de Ludwing Feuerbach. Do primeiro, eles buscaram verificar a dialética hegeliana, do segundo o materialismo. A compreensão sobre escritos de Hegel e Feuerbach; os leva a conceber o materialismo histórico dialético que seria usado para interpretar o “mundo”, no primeiro instante, no segundo, “transformá-lo”, por meio de uma revolução proletária.

³ Heinrich Marx era advogado com leituras em Lessing, Rousseau e Voltaire. Devido à pressão do governo da Prússia Guilherme III, deixou a religião judaica e se converteu ao protestantismo; com medo de perder o direito de exercer a sua profissão na zona do Reno, agora, pertencente à Prússia (Alemanha).

Deste contato surge o ideal de editar um jornal com inspiração socialista. Karl Marx admitia que o proletariado que ele descrevia estava começando existir na Alemanha. O que caracterizava a sociedade alemã no século XIX, não era a pobreza natural, mas a pobreza artificial, produzida e resultante particularmente da desintegração da classe média.

Do refinamento conceitual de Marx a respeito das relações capitalistas, ele aprimora a noção de classe. Não é mérito seu descobrir a existência de classes na modernidade e, nem a luta entre elas. Muito antes, Aristóteles, já utilizava o termo para referir-se a sociedade grega, enquanto Adam Smith ajustava para relação de produção.

No meado do século XIX Karl Marx inovou a interpretação das classes pela seguinte perspectiva: “1) *A existência das classes só se liga a determinadas fases históricas de desenvolvimento da produção; 2) a luta das classes não é por si mais que a transição para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes (...)*”(Marx, s.d.:99)

Os capitalistas, os latifundiários e operários assalariados são as três classes de destaque na modernidade; respectivamente vivem do lucro, da renda da terra e do salário. Destas três, aos menos, em algumas passagens do “Manifesto do Partido Comunista”, Marx chega a elogiar a primeira no que diz respeito ao seu poder de concretizar façanhas até então desconhecidas pela e na humanidade. Ou seja, seu poder de transformar a natureza por meio das forças produtivas, conseqüentemente, por meio do trabalho.

Aos poucos Marx percebe quanto este poder de transformação e de execução é falho, por ameaçar a existência da humanidade, por não preservar a natureza tampouco os homens nas suas relações de trabalho.

Nos capítulos que se sucedem iremos tratar sobre o porque para a concepção marxiana o trabalho é tão importante para a condição humana. E, em que a burguesia busca negar a condição humana por negar o trabalho, e a atitude de Marx para com a burguesia devido esta ação.

2. O TRABALHO COMO REALIZAÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA DO HOMOFABER

2.1. A condição humana do Homofaber

Neste tópico iremos tratar primeiramente da constituição do Homem enquanto ser que se faz pelo trabalho, para em seguida, apresentar como o ato de trabalhar será o alicerce para o homem edificar sua consciência. Por fim, apresentar sobre qual ponto a filosofia buscou definir este animal chamado Homem.

A história da humanidade tem sido marcada por fatos importantes. Em várias ocasiões de modo inconsciente. De repente surge um gesto rápido e, com tanta importância que se torna um divisor de águas na história.

Segundo alguns estudos, há milhares de anos atrás, havia uma raça de macacos que usava as mãos para se firmar em galhos, para apanhar e segurar frutas para sua alimentação. Eles também usavam as mãos para empunhar pedaço de madeira e pedra para arremessar contra os seus agressores, animais irracionais mais fortes e também contra outros seres da sua espécie. Mas, isso só acontecia quando eles sentiam-se ameaçados. Com o passar do tempo, os macacos passaram a dispensar as suas mãos de sua função inicial para que elas fossem utilizadas para o ato de andar. Assim o macaco dava continuidade ao desenvolvimento de um jeito de caminhar de modo mais vertical, ou melhor, com uma postura mais ereta possível, até atingir seu desenvolvimento completo.

Tendo conhecimento da mudança na postura física do macaco, Friedrich Engels (1982) atribui novas funções às mãos. Afirma, com a liberação das mãos, o macaco deu um importante salto na transição para tornar-se homem, pois ganhava rapidez e agilidade em suas ações que seriam transmitidos por meio da educação para as gerações futuras.

A mão é órgão e produto do trabalho. Com o avanço do domínio da natureza, o homem alarga seus horizontes e descobre nos artefatos e objetos outras propriedades até então desconhecidas. Paralelamente multiplicam-se as circunstâncias e contingências de

trabalho que contribuiu enormemente para que os homens consolidassem seus laços societários por desenvolverem atividades comuns de auxílio mútuo.

Em um determinado momento do seu desenvolvimento, o homem teve necessidade de se comunicar com o seu semelhante. A origem da linguagem| comunicação deu-se a partir do trabalho e pelo trabalho. Primeiro o trabalho depois a palavra articulada, atuaram como fatores fundamentais na transformação do cérebro do macaco em cérebro de homem.

Na mesma proporção que se desenvolveu a palavra articulada; se desenvolviam os órgãos sensoriais e os sentidos: audição, olfato, paladar, tato e visão. À parte do corpo humano na qual nota-se o maior nível de desenvolvimento do tato é a mão, graças às atividades exercidas pelo homem em torno do trabalho.

Devido o aumento da população e a saída de um mundo geográfico bastante limitado, os galhos e, por está inserido, no mundo de trabalho, ainda primitivo, os macacos passaram a buscar novas alternativas alimentícias para a sua existência, buscaram por meio da caça e da pesca. A caça e a pesca contribuíram para a modificação da alimentação dos macacos, antes exclusivamente vegetal.

Assim o homem se formava, ia cada vez mais se afastando do reino vegetal e se elevando sobre os demais animais. Do mesmo modo que o homem aprendeu a usar todos os alimentos comestíveis, aprendeu também a viver em qualquer clima, e o fez estendendo-se por toda à região habitável da terra, tornando-se o único animal com capacidade e iniciativa próprias para se deslocar de um lugar para outro.

Todas as experiências, andar no chão, trabalhar, caçar e comer novos alimentos, além de construir instrumentos que servissem para caçar e para pescar, serviram para conectá-lo com a natureza e, na natureza como habitante. Num contexto propício para o seu desenvolvimento psíquico, biológico e cultural.

Portanto, graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro não só em cada indivíduo, mas na sociedade como um todo, os homens foram se desenvolvendo cada vez mais, tornando-se capazes de executar operações complexas e alcançar objetivos mais elevados, já que o trabalho socializava-os e humanizava-os.

Neste processo o trabalho é a ferramenta mais importante para distinguir o homem dos demais animais, tanto que Marx irá afirmar: “*pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência*”(Marx, 1989:13).

Do percurso até aqui apresentado, perceber-se que o homem edificou-se tanto em termos culturais como materiais por intermédio do trabalho, No obstante, ele pensa e reflete sobre si e seu mundo por intermédio do seu trabalho, dando o suporte para sua consciência, segundo a perspectiva marxiana, como se verá abaixo.

2.2. Um ser de consciência o Homofaber

Para situar a noção de consciência em Marx, tem-se antes a necessidade de entender o conceito de classe. O conceito de classe é extraído da análise das forças produtivas e das relações de produção. Este conjunto, forças produtivas e relações de produção assumem certos modos possíveis na história. A análise do modo de produção supõe uma certa dinâmica própria deste modo de produção cujos componentes são antagonicos. O conceito de classes sociais se constitui dentro do conceito de luta de classes.

A partir do momento que os detentores dos meios de produção passaram a delinear a sua linha de atuação, levando em consideração os seus objetivos a serem alcançados; a classe operária também atentou para organizar as suas ações, vislumbrando, assim, os seus objetivos a serem alcançados. A partir da organização dos dois aglomerados em torno de interesses coletivos particulares, percebe-se um fato histórico que se denomina tomada de consciência de classe. Consciência de classe pode ser definida como sendo a representação da consciência possível de interesses coletivos num dado modo de produção.

Existem dois tipos de consciência de classe: classe em si e classe para si. Quando não há expressão da realidade destas relações em um setor significativo dos homens que constitui uma classe, pode ser conceituada esta aglomeração de pessoas

como sendo uma classe em si. E, quando há uma classe capaz de elaborar um projeto de existência social adequado aos seus interesses de classe é conceituada como sendo uma classe para si.

A consciência é formada em cada ser individualmente e manifesta-se através da linguagem, de acordo com a necessidade que o homem tem de se relacionar com outros homens. A consciência da necessidade de entrar em relação com os indivíduos que o cercam marca para o homem o começo da consciência do fato de que afinal, ele vive em sociedade. A consciência é re-flexo das relações sociais, ou seja, não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Esta se expressa por meio da linguagem.

Portanto, a consciência é o resultado de determinadas circunstâncias econômicas, sociais e históricas, faz parte do convívio dos indivíduos, no interior das relações de alteridade com outras classes sociais. É um produto de percepção pela qual o homem se percebe na sua relação um com outro, dentro e fora das classes, ao mesmo tempo, do mundo que o circunda. Em suma, a consciência desenvolve-se a partir da relação homem e trabalho. Em outras palavras, como o homem se insere como produtor ou consumidor dos artefatos de trabalho (OAKLEY, 1982).

2.3. O olhar filosófico sobre o Homofaber

Passando existir o homem e se distinguido de outros animais e tendo consciência da sua própria existência há uma procura por precisar uma definição deste ser. Papel que coube a filosofia e outros ramos da ciência, como veremos a seguir.

O objetivo de todos os homens ao enveredarem nas escolas filosóficas até hoje, foi o autoconhecimento, até mesmo os mais céticos foram de acordo com tal afirmação. O autoconhecimento é o pré-requisito primeiro da auto-realização.

Para os céticos o autoconhecimento é possível de ser alcançado através do método da introspecção. Mas, segundo Ernst Cassirer (1997), os psicólogos modernos não confiam neste método, preferem o método behaviorista, pois afirmaram que é mais

objetivo, oferece maior possibilidade para a concretização de uma psicologia científica. Contudo, Ernst Cassirer argumenta, que um behaviorismo objetivo não é capaz de revelar tudo que existe no interior do homem. Assim, chega-se à conclusão que tanto o behaviorismo como a introspecção são deficientes. Ambos não conseguem abranger todos os segredos da vida humana.

O autoconhecimento deixa de ser um tema de mera curiosidade, passa a ser declarado como uma obrigação fundamental do homem e acabada a tarefa de concepção do autoconhecimento, o homem é engrandecido, não fisicamente, mas em grau de consciência. Não há condição de penetrar no segredo do homem em sua totalidade. É preciso fazer uma auto-reflexão se quiser manter o domínio sobre a realidade e entender o seu sentido.

Dos que buscaram este caminho, destaca-se o filósofo pré-socrático Heráclito que caracterizou sua filosofia com o aforismo “*Busquei a mim mesmo*”. Tal axioma ganhou grande importância, no tempo que viveu o filósofo Sócrates. Tanto que Sócrates terá como base da sua filosofia “*conheça-te, a ti mesmo*”. Não é fácil penetrar na natureza do homem, pois é preciso atingir a sua consciência. É mais fácil penetrar na natureza das coisas, pois elas não têm consciência, a ausência de consciência, possibilita ao homem apenas a função de defini-las de modo objetivo.

Com essas qualidades Sócrates defende que a compreensão do homem não é semelhante a das coisas físicas, para descrevê-lo e defini-lo, é preciso alcançar a sua consciência. Porém o pensador grego responde indiretamente, o que é o homem.

“o homem é a criatura que está em constante busca de si mesmo, uma criatura que em todos os momentos de sua existência, deve examinar e escrutinar as condições de sua existência. Nesse escrutínio, nessa atitude crítica para com a vida humana, consiste o real valor da vida humana ” (Sócrates, citado por Cassier, 1997:17).

A partir da noção do que seja o homem, da impossibilidade de defini-lo, Sócrates atribui qualidades e virtudes que são inerentes ao homem: bondade, justiça, temperança, coragem entre outras.

Seguindo a mesma tentativa de compreender o homem, Pascal fará uma exposição que demonstrará a melhor maneira de conhecê-lo, será unicamente “*pela compreensão de*

sua vida e conduta” (1997: 25). Assim, é próprio do homem, é da condição humana a contradição, por se tratar de um ser e, ser inacabado e, em construção. Porém, Pascal irá se afastar desse pensamento racional e encontrará na religião a única abordagem capaz de estabilizar as contradições inerentes ao homem, o ser e o não-ser.

Desta forma, diferentes ramos do conhecimento: metafísica, teologia, até mesmo a matemática e a biologia irão tomar o homem como objeto de suas investigações, a partir de seu próprio ponto de vista, sem, no entanto, existir a aceitação da autoridade de uma linha de compressão à qual se pudesse apelar.

“Combinar ou unificar todos esses aspectos e perspectivas particulares era impossível. E nem em cada um dos campos especiais havia um princípio científico de aceitação geral. O fato pessoal tornou-se cada vez mais prevalecente e o temperamento do escritor individual tendia a ter um papel decisivo. Trahit sua quemque voluptas: cada autor parece ser conduzido, em última análise, por sua própria concepção e avaliação da vida humana” (Cassier, 1997: 40).

O próprio Karl Marx não escapou da tentativa de encontrar uma ponte entre a teoria da evolução de Charles Darwin da vida orgânica para a cultura humana. Junto com Engels, Marx pretendia como os demais filósofos de seu tempo encontrar “*L'idée maitresse*” tal como foi chamado por Hippolyte Taine, segundo Cassirer (1997: 40). Para Ernst Cassirer, esta idéia é o “*instinto econômico*”; com isso, Karl Marx pretendia apresentar segundo sua fórmula, a unidade e a homogeneidade da natureza humana.

Será, no entanto, pelo ângulo do trabalho que melhor o homem pode ser definido. Conforme defende Cassier:

*“Não podemos definir o homem com base em qualquer princípio inerente que constitua a sua essência metafísica - nem podemos defini-lo por qualquer faculdade ou instinto inato, que possa ser verificado pela observação empírica. A característica destacada do homem, sua marca distintiva, não é a sua natureza metafísica ou física, mas o seu trabalho. É este trabalho, o sistema das atividades humanas que define e determina o círculo da **'humanidade'**”* (Idem, 1997: 115 Grifos nossos).

3. ENCANTO E DESECANTO DE KARL MARX EM RELAÇÃO À BURGUESIA

Da percepção como Marx elabora o seu método de explicação da realidade histórica, podemos compreender o que o levou a encantar-se com a burguesia, para mais tarde efetivar-se num paladino contra esta.

Marx adota quatro fases de um mesmo processo explicativo para apresentar o devir-a-ser dos fatos históricos.

“O primeiro fato histórico é... a produção dos meios que permitem satisfazer [as] necessidades [beber, comer, vestir-se, morar, etc]” (Marx, 1998:21) da existência humana. Em síntese, o homem deve ter condições de viver para fazer história;

Da concretização do primeiro fato, satisfações das necessidades de existência, há o desencadeamento do primeiro ato histórico: *“a ação de satisfazê-la e o instrumento já adquirido com esta satisfação, levam à novas necessidades e, essa produção de novas necessidades, é o primeiro ato histórico”*(Idem, 1998:22). Para Marx, será justamente a capacidade do homem produzir a sua existência que diferirá ele próprio dos animais, antes de qualquer outra concepção que um observador externo venha a querer distinguir.

Com a realização dos dois momentos anteriores, o homem tem condições reais para criar outros homens, ou seja, têm condições para se reproduzir, para constituir família, sendo, portanto, a primeira relação social, e, o terceiro momento do devir histórico. A produção dos fatos históricos dependerá dos meios de existência, já existentes, e dos meios herdados de épocas anteriores.

O quarto é a síntese dos fatos registrados anteriormente, ou seja, o homem ao produzir a vida pelo trabalho e pela procriação passa a conviver com uma dupla relação: natural (biológica) e social. Esta relação social apresenta-se numa ação de socialização dos indivíduos com forma e objetivos variados. Mas o que não escapa destas relações é a concretude de um modo de produção ou qualquer outro tipo de organização do meio de produção que será a base final para erguer a força produtiva, por conseguinte a própria sociedade.

Da consumação deste processo, Marx compreende inicialmente na burguesia a realização dessa trajetória histórica de forma mais elevada, capaz de produzir a sua existência, o instrumento para satisfazer a sua necessidade, a procriação de si e, até

mesmo, o desenvolvimento material e espiritual da humanidade. Boa parte do louvor à burguesia estar exposto no Manifesto do Partido Comunista.

No Manifesto do Partido Comunista, Marx analisa dois importantes feitos desencadeados pela burguesia, de ter destruído os laços sentimentais presente nas relações sociais, por um o frio cálculo - expresso em relações monetárias de um “*insensível pagamento em dinheiro*” (Marx, 2002:48). Concomitante a este feito, ela executará a passagem do estágio do homem contemplativo para o homofaber, a partir do momento que passa a comandar a natureza e suas forças, em lugar de devotá-la paixões e atos de fé.

Será por causa deste ethos, que Marx reconhecerá numa espécie de elogio a burguesia que ela “*criou maravilhas que nada têm a ver com as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos e às catedrais góticas,...*” (Idem, 2002: 48). Nas palavras de Marx, a burguesia parece assumir a figura de um Deus, já que ele afirma que ela criou: “*um mundo à sua imagem e semelhança*” (Idem, 2002: 49).

Para efetivar esta criação a burguesia usou como ferramenta o mercado mundial. Por meio dele impeliu sua produção e seu consumo aos lugares mais remotos do globo, minando as tradições locais. A consolidação dos mercados desencadeou a cristalização de um tipo específico de civilidade, por conseguinte de um estilo burguês; marcado por um modo de produção burguês.

Paralelo a este movimento de acúmulo de bens materiais inicia-se o domínio do poder político no Estado moderno por parte da burguesia. A ponto de Marx defender que este é um veículo para administrar os negócios da burguesia.

Nas cidades a burguesia aglomerará todas as condições necessárias para o seu crescimento econômico e político, por evitar a dispersão dos meios de produção e da propriedade privada, bem como da população. A principal causa da instalação de tais condições foi à centralização do poder político.

A condição para esta imensa força revolucionária subsistir está em continuamente inventar novos instrumentos de produção, por sua vez todo um conjunto de relações sociais.

O background cultural e relações de troca da burguesia, alicerçada na propriedade privada constrói em um tempo recorde meios de produção até então inexistentes. No entanto, Marx lança em relação à burguesia a idéia de que ela “*assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as potências infernais por ele postas em movimento*” (Idem, 2002: 50).

O pessimismo de Marx em relação à burguesia dar-se em razão da constatação das sucessivas crises do modo de produção capitalista criado pela burguesia. Crises sociais; desemprego, miséria, ao lado de uma “*epidemia da superprodução*” (Idem, 2002: 51). Desta forma a civilização criada após o feudalismo, com seus fabulosos projetos de engenharia social, político; aproximava-se aos olhos de Marx de um estado de barbárie.

A burguesia para vencer a crise momentaneamente, dentre várias alternativas, preferiu a busca de novos mercados para dar vazão às suas mercadorias, ao mesmo tempo preferiu, a distribuição de sua massa de forças produtivas. Com isto intencionava tornar mais forte seu sistema capitalista.

Contudo, a maior ameaça a esta classe que se voltará no futuro contra ela, será o proletariado que foi gerado no interior da burguesia. No proletariado Marx vislumbra a possibilidade de recuperar o antigo ideal que a burguesia anunciou, ou seja, da emancipação humana por meio das forças produtivas e da política.

A condição de existência do proletário está no trabalho. Este só encontra trabalho a partir do momento que a sua força de trabalho aumenta a riqueza da burguesia. Ao vender sua força de trabalho, ele assemelha-se a uma mercadoria de segunda ordem, sujeita as oscilações de preço no mercado.

Marx avisa que desde o início da história existiram lutas de classes. Na luta contra a burguesia, os trabalhadores sentem necessidade de se organizar, passando a formar uma classe, a qual Marx denominou de proletária. Por meio de uma revolução esta se torna uma classe dominante. Posteriormente destruindo as arcaicas relações de produção.

No lugar da obsoleta sociedade burguesa se instala uma associação de pessoas, onde cada indivíduo se desenvolve com liberdade. Segundo Marx, quando desaparecerem os antagonismos das classes e, quando toda a produção ficar nas mãos dos associados, o

poder público deixa de ser político. O poder político nada mais é, que uma classe organizada para oprimir outra classe.

Para Marx, o homem nesta sociedade será livre de todas as amarras provenientes da divisão do trabalho, ou seja, disporá de liberdade para manifestar todas as suas potencialidades culturais e também todas as suas aptidões no processo de produção de riquezas. Pois para ele os diversos estágios da divisão do trabalho tem como conseqüência novas formas de propriedade, em outras palavras, *“cada novo estágio da divisão do trabalho determina, igualmente as relações dos indivíduos entre si no tocante à matéria, aos instrumentos e aos produtos do trabalho”* (Idem, 1989: 12).

Por tudo isto, o ardor de Marx em relação à burguesia por desviar-se do seu projeto primeiro de tornar o homem independente da natureza para que ele pudesse criar um mundo para si por meio do trabalho. Ao criar este mundo, a burguesia criou para si, e transformou o homem num apêndice do trabalho, já que a forma como os homens elaboram os seus meios de re-produção, resulta no que eles são, por ser estes um reflexo do que eles produzem e como produzem.

Por isto a necessidade de destruir as velhas formas de propriedade e de divisão de trabalho erguida pela burguesia, porque estas enquanto pertencente à infra-estrutura condiciona a existência de toda humanidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia marxiana parte do pressuposto de que o mundo das relações humanas não é um mero agregado de fatos dispersos e isolado. Ela procura entender esses fatos dispersos e isolados, como um sistema, um todo orgânico. O que nos interessa, aqui, é a totalidade da vida humana, em seus meandros: histórico, político, econômico e social. Envolvermos-nos em um estudo dos fenômenos particulares em sua riqueza e complexidade.

Uma Análise filosófica impõe a si mesma uma tarefa diferente. Os fatos estão aqui reduzidos a formas, e supõe-se que essas próprias formas possuem uma unidade interna. A unidade do homem é concebida como uma unidade funcional, ele não é mais

visto como uma substância simples que existe em si mesma e que deve ser conhecida por si mesma.

Para desenvolver o assunto "Encanto e desencanto de Karl Marx em relação à burguesia", foi necessário buscar embasamento teórico em algumas obras do filósofo em destaque. Dentre elas: Manuscritos-econômico-filosóficos, A Ideologia Alemã, Manifesto do Partido Comunista.

Somente a partir destas leituras, foi possível escrever alguns trechos que caracterizam o elogio e, em seguida citações que lhes dão suporte, a este pensamento. Também através destas leituras, foi possível perceber onde Marx escreve críticas a burguesia e, em seguida citações que lhes dão suporte.

Para Marx o capitalismo tornou-se não somente uma indústria de produtos de ferro ou de alumínio. Passou a ser também produtor de ideologias, difundidas através de meios de comunicação que destrói as relações de trocas e de laços sociais locais.

Ele torna compreensível que no capitalismo seu principal agente é a burguesia. Nesta ele enxergou inicialmente a protagonista capaz de efetivar o paradigma da cultura ocidental da vida ativa, onde o homem é o grande transformador da sua história e da natureza. Assim, como esclarece Sílvio L. Sant'Anna (2002), tomando como referencia o livro: "Tudo que é sólido se desmancha no ar", do cientista político Marshall Berman; o que "*encontrou os autores do manifesto em relação ao desempenho da burguesia que puderam vislumbrar o protótipo do homofaber que se faz pelo trabalho em metabolismo com a natureza e não pelo pensamento (como acreditava Hegel)*" (Sant'Anna, 2002:16).

Por realizar tal proeza anunciou o seu interesse particular como sendo interesse universal. Para concretizar esta ação tomou como aparelho o Estado, para dá suporte as suas relações sociais de produção e suas forças produtivas. Consubstanciando um dos paradigmas marxiano de que a classe dominante dos meios de produção é também a classe dominante das idéias hegemônicas de uma época.

Contudo, a burguesia ao produzir a sua consciência na inter-relação com força produtiva|trabalho|relação de produção, não se realiza. Porque passa a ter uma consciência alienada, por executar a divisão entre trabalho intelectual e trabalho material. Além de tomar como valor máximo da sua existência histórica a produção econômica.

Por causa desta divisão e do controle da vida social pela burguesia, Marx chega a afirmar que esta põe em perigo, não somente sua existência, mas de toda humanidade. Daí o desencanto de Marx para com a burguesia é porque esta abortou seu processo histórico que se propôs de emancipação da humanidade por meio da esfera política e das forças produtivas. A ponto de hoje a classe explorada [proletário] não poder efetivar sua emancipação, sem libertar toda sociedade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KONDER, Leandro. **Marx vida e obra**. S.E., S.L., 1998.
- ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo: Ed. Global, 1982.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Marin Claret, 2002.
- _____. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARX, Karl. **Manuscritos-econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1975.
- _____. Octávio Ianni (Org.). **Marx**. São Paulo: Ática (Col. Grandes Cientistas Sociais, 10), s.d.
- MACLELLAN, David. **Karl Marx vida e pensamento**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- OAKLEY, Kenneth B. **O homem como ser que fabrica utensílios**. São Paulo: Ed. Global, 1982.
- SANTOS, Theotonio dos. **Conceito de classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SANT'ANA, Sílvio. Um marco da Modernidade. L. In. Karl Marx & Engels Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Marin Claret, 2002.pp.15-18.